

## *A infinita interioridade da noite*

*The endless interiority of the night*

*La infinita interioridad de la noche*

Giuliana Andreotti  
Universidade de Trento-Itália  
giuliana.andreotti@icloud.com

---

### **Resumo**

A noite é um tema de estudo complexo pelos múltiplos aspectos com que se apresenta e pela múltipla identidade que a coloca fora e dentro do indivíduo. O acontecimento objetivo e a evidência interior oferecem ao mesmo tempo conhecimento sensorial e ressonâncias afetivas e espirituais. O espaço escuro sempre inspirou a literatura e as artes, mas há muito tempo é negligenciado pela geografia. Tal desinteresse parece ser motivado pelo fato de a noite ser pensada como um fenômeno externo e objetivo, negligenciando a sua interioridade e as ressonâncias espirituais que suscita. A ênfase que a disciplina dá ao olhar não favoreceu o estudo do assunto, pois seu método fundamental é a observação direta, baseada na visão noturna. A indiferença ao assunto também é justificada pelas orientações disciplinares racionalistas do passado. O tema ganhou destaque desde os últimos anos do século XX com a afirmação da geografia cultural e emocional. É uma visão que valoriza a poética e os valores interiores transmitidos pela noite. São estes últimos que fazem da noite um tema de particular interesse. Não faltam, no entanto, estudos de orientação racionalista, próximos das ciências técnicas, interessados nos aspectos materiais e objetivos do fenômeno, como a iluminação artificial, a programação e o design em particular em relação aos contextos urbanos atuais.

**Palavras-chave:** Noite, identidade, interioridade, geografia cultural e emocional, paisagem, cores.

---

### **Abstract**

The night is a complex subject of study due to the many aspects with which it presents itself and the multiple identity that places it both outside and inside the individual. Objective event and inner evidence offers sensory knowledge and emotional and spiritual resonances at the same time. The dark space has always inspired literature and the arts, but has long been neglected by geography. This indifference seems motivated by having thought of the night as an external, objective phenomenon, neglecting its interiority and the spiritual resonances it arouses. The emphasis that the discipline places on the gaze did not help the subject, since its fundamental method is direct observation, based on the view that the night shields. The indifference to the theme is also justified by the rationalist disciplinary

orientations of the past. The argument has been highlighted from the last years of twentieth century with the affirmation of cultural and emotional geography. It is a vision that enhances the poetics and interior values transmitted by the night. It is the latter that make the night a topic of particular interest.

**Keywords:** Night, identity, interiority, cultural and emotional geography, landscape, colors.

---

### Resumen

La noche es un tema de estudio complejo debido a los múltiples aspectos con los que se presenta y la identidad múltiple que la coloca tanto fuera como dentro del individuo. Evento objetivo y evidencia interior ofrece al mismo tiempo conocimiento sensorial y resonancias afectivas y espirituales. El espacio oscuro siempre ha inspirado la literatura y las artes, pero durante mucho tiempo ha sido descuidado por la geografía. Tal desinterés parece motivado por haber pensado en la noche como fenómeno exterior, objetivo, descuidando su interioridad y las resonancias espirituales que suscita. El énfasis que la disciplina pone en la mirada no favoreció el estudio del tema, ya que su método fundamental es la observación directa, basada en la vista desde la noche. La indiferencia al asunto está justificada también por las orientaciones disciplinarias racionalistas del pasado. El tema ha sido puesto en evidencia a partir de los últimos años del siglo XX con la afirmación de la geografía cultural y emocional. Se trata de una visión que valora la poética y los valores de interioridad transmitidos por la noche. Son estos últimos los que hacen de la noche un tema de particular interés. No faltan, sin embargo, estudios de orientación racionalista, cercanos a las ciencias técnicas, interesados en aspectos materiales y objetivos del fenómeno, como la iluminación artificial, la programación y el diseño en particular en relación con los contextos urbanos actuales.

**Palabras clave:** Noche, identidad, interioridad, geografía cultural y emocional, paisaje, colores.

---

*La noche está estrellada,  
y tiritan, azules, los astros, a lo lejos.*  
(Pablo Neruda, *Poema XX*, 1916)

*Mil años de silencio en una copa  
de azul calcáreo, de distancia y luna,  
labran la geografía desnuda de la noche.*  
(Pablo Neruda, “Nocturno”, *Canto general*, 1943)

### Introdução

Entrar no domínio da noite significa entrar num campo de estudo complexo devido aos múltiplos aspectos do fenômeno.

A noite não é apenas uma experiência que penetra através dos sentidos, mas faz parte de uma ordem mais complexa da realidade, por causa de sua identidade múltipla, que a coloca tanto fora quanto dentro do indivíduo. Fora, como um evento atual e objetivo; dentro, como uma evidência interior, um fato subjetivo refletido nas sensações individuais. Como tudo no mundo, ela tem uma medida material e uma espiritual.

Portanto, longe de se limitar a oferecer puro conhecimento sensorial, a noite evoca ressonâncias afetivas e reflexivas. Por sua natureza, ela não é simplesmente uma parte do dia — um parêntese entre dois dias — mas um motivo de contemplação e celebração. Seu universo sempre seduziu e inspirou filósofos, poetas, pintores, músicos e artistas, fascinados pelas particularidades e infinitas modulações com as quais se apresenta.

Este não é o caso na geografia, pois, até recentemente, o assunto não despertou interesse. No passado, a disciplina não se ateu ao tema, mesmo em campos tradicionais de pesquisa, como o espaço e seus fenômenos.

O interesse da geografia pela temática da noite talvez tenha sido prejudicado pelos critérios adotados para interpretar a superfície da Terra porque, de acordo com James Hillman (2003), o mundo noturno não pode ser explicado pela linguagem da vigília.

Após o primeiro envolvimento de alguns pioneiros e de algumas escolas, o tema encontrou consenso apenas a partir dos últimos anos do século XX.

Desde então, aspectos ecológicos, sociais, históricos e econômicos da noite foram analisados com investigações fragmentadas e principalmente interdisciplinares. O ponto de vista geográfico tem lutado para focar o espaço escuro como um objeto de pesquisa por si só, em sua essência íntima, seu caráter interior, lugares, atmosferas e cenas noturnas.

O presente trabalho tem como objetivo investigar a noite, sua múltipla identidade e percepção, procurando evidenciar as características distintivas que a tornam uma experiência interna e profunda.

Qual é sua qualidade íntima e peculiar? Como ela fala de si mesma? Com que sugestões ela tenta se expressar?

A oportunidade de explorar a noite é oferecida pela importância recentemente assumida pela geografia emocional, categoria interpretativa, que propõe uma nova percepção da experiência espacial. Parte disso, é o charme das cenas noturnas, às quais Vincent van Gogh se refere.

O pintor holandês, em uma carta de Arles de 9 de setembro de 1888 para sua irmã Willemien, expressa uma das características originais da noite dada pela sua magia colorista:

Dikwijls lijkt het me dat de nacht nog rijker van kleur is dan de dag, met de meest intense paarse, blauwe en groene kleuren<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Cfr. GOGH, V., van. (2012). *Vincent van Gogh. Een leven in brieven. 1853-1890*, Amsterdam, Meulenhoff, Boekerij.

Ver igualmente, GOGH, V., van. (1959). *Tutte le Lettere*, Milano, Silvana; GOGH, V., van. (2005). *150 lettere*, Milano, Silvana.

(Muitas vezes me parece que a noite é ainda mais rica em cor do que o dia, com as cores roxas, azuis e verdes mais intensas).

As palavras do artista manifestam a impressão do vigor que anima as cores no espaço escuro. Não é uma perspectiva surpreendente quando se pensa sobre a ênfase que o fundo escuro pode dar às cores. O testemunho do pintor confirma, além disso, a eficiência contínua da visão no escuro — nem sempre total — nas múltiplas variedades da noite.

Bem, queremos investigar a escuridão do espaço noturno e sua imensidão sem limites para buscar a especificidade e os momentos descritivos e perceptivos essenciais, incluindo valores cromáticos e estéticos, culturais e psicológicos.

### **O dilema do geógrafo**

A modesta popularidade do sujeito entre os centros de interesse da geografia negligenciou a análise e a descrição do espaço noturno.

Na geografia do passado não se pensou nesta realidade fugitiva na contínua mudança das horas. Nenhuma atenção foi dada às especificidades do momento, com a variedade de expressões em sua manifestação. Nem mesmo a intensidade e o sentido do infinito foram compreendidos. A figura da relação espiritual do homem com o espaço escapou, bem como a chave que compara a categoria objetiva do fenômeno com aquela da experiência interior.

Uma das razões para esta negligência parece ser devido ao método fundamental da geografia, que coleta dados principalmente através da observação direta, baseada na visão. Todos os outros sentidos são subestimados. Portanto, o obscurecimento total ou parcial da visão de certa forma dificultou os estudos nessa direção.

O geógrafo canadense Luc Bureau (1996, p. 75) fala de um dilema real que a noite coloca ao geógrafo, do qual a primeira ferramenta de trabalho é o olho. Tendo antes de tudo que dizer o que vê, ele baseia sua pesquisa e descrição principalmente na percepção visual de lugares e fenômenos.

Este autor afirma (*ibid.*, p. 76):

Pour bien décrire, le géographe doit d'abord bien voir, et beaucoup voir.  
(Para descrever bem, o geógrafo deve antes de tudo ver bem, e ver muito).

Além disso, é importante considerar que noventa por cento das informações percebidas pelo homem passa por seus olhos, mas, como ele não é nictalope, sua capacidade visual à noiturno é boa.

A perda de visibilidade, embora não absoluta, põe em questão a relação visual que o homem tem com o espaço. É verdade que outros sentidos vêm em socorro,

incluindo o toque, que, através da pele, manifesta maior autoconsciência, uma condição de inteligência cuja importância é muitas vezes esquecida.

O filósofo Michel Serres (2016, pp. 67-68) nos lembra:

Night does not anesthetize the skin but makes it more subtly aware. The body trains itself to seek the road in the middle of darkness, loves small insignificant perceptions: faint calls, imperceptible nuances, rare effluvia, and prefers them to everything loud. Things wandering in the silence and shadow help it to rediscover practices long since lost through forgetfulness and habit. (A noite não anestesia a pele, mas torna-a mais sutilmente consciente. O corpo treina para procurar o caminho no meio da escuridão, adora pequenas percepções insignificantes: chamadas tênues, nuances imperceptíveis, eflúvios raros, e os prefere a qualquer coisa que seja barulhenta. Coisas que vagueiam em silêncio e sombra o ajudam a redescobrir práticas há muito perdidas devido ao esquecimento e ao hábito).

O filósofo alude ao significado do tato na experiência da noite. O valor deste sentimento faz dele o, "pai de todos os sentidos", segundo o antropólogo inglês Ashley Montagu (1989, p. 9).

O tato também é exaltado pelo arquiteto finlandês Juhani Pallasmaa (2007, pp. 23-31).

Ele está preocupado com a supressão da experiência tátil na compreensão do mundo. Não hesita em denunciar que foi sacrificada ao domínio absoluto da visão, e hoje atinge dimensões sem precedentes. E isso porque a visão está profundamente enraizada na história da civilização ocidental, sendo considerada a mais nobre das modalidades sensoriais.

É legítimo, portanto, convocar experiências e valores táteis para definir o real. A presença tátil da noite invade e dá sensação de infinito, anteriormente aludida. O espaço se expande e na escuridão ficam temporariamente obscurecidos os pontos de referência visuais, as coordenadas espaciais que permitem a orientação. Desprendidos da solidez do mundo, não há mais centros, hierarquias, planos, superfícies e distâncias.

Tudo, não mais isolado da luz, "se estende imensamente", como escreve Rainer Maria Rilke em "A noite e a alma" (*Poemas I*, 1994).

A dilatação espacial, a escuridão e a imensidão de extensão, podem nos fazer viver a noite com angústia. Ela pode despertar pensamentos e sentimentos que a associam ao final do dia e à conclusão de um ciclo. Isso permite estabelecer correspondências simbólicas com a conclusão do curso da vida. É uma associação que evoca ansiedade e inquietação, e até terror.

No entanto, a noite é especialmente uma presença fantástica, emoção, sonho, perda e ilusão.

Embora envolta pelo véu das trevas, a escuridão, como já mencionado, não rouba completamente a visão. Acredita-se que a dimensão visual, apesar do ofuscamento, permanece central, ao mesmo tempo em que confere proeminência aos outros sentidos — não menos importantes a audição e o olfato — combinados em integração. O seu papel, a polifonia da interação, define, inquestionavelmente, o cenário noturno. Eles falam à totalidade do nosso ser que é feito da própria carne do mundo.

A noção de carne do mundo, que entrelaça o mundo com o self, é de Maurice Merleau-Ponty (2003, p. 260). No entanto, permanece a consciência de que a escuridão nos coloca fora das práticas comuns da experiência e do conhecimento e torna a criação irreal, portanto, menos facilmente compreensível.

### **Descrição e representação**

A noite pode ser descrita e representada das mais diversas formas. Para a geografia física, é o período de escuridão que sucede o período de iluminação como a principal consequência do movimento rotacional da Terra sobre si mesma, em torno de seu eixo norte-sul. É um fenômeno cósmico, que representa o intervalo de tempo entre o crepúsculo da noite e o crepúsculo da manhã. A noite não é o oposto do dia; nunca o encontra, mas coexiste com ele, formando um par inseparável. O dia é a projeção da luz do sol sobre a Terra; a noite é a sombra da própria Terra. Por causa da inclinação do eixo da Terra, a duração da noite varia com as estações: é mais longa no inverno, no Trópico de Câncer, e mais curta no verão, no Trópico de Capricórnio e vice-versa. Na primavera e no outono, ao redor dos equinócios, dia e noite têm aproximadamente a mesma duração, como no equador durante todo o ano.

Se a atenção é dada ao espaço escuro como um fato interior, considerado pela geografia cultural e emocional, da mesma forma que pela literatura e pela arte, desconsidera-se o significado que lhe é atribuído pelas ciências da terra para olhar para aspectos que envolvem percepção, emoções e estética. E isso porque, por sua natureza múltipla, a noite tem um significado dentro de nós mesmos e psicologicamente nos fala em imagens que estimulam a alma a praticar sua adoração.

É uma tecelagem ou criatividade de componentes, o que significa a possibilidade de uma experimentação mais ampla e libertária. Ela nos permite entrar em um ambiente escuro, um mundo ilegível onde o desconhecido é encontrado, onde uma maneira diferente de sentir se desenvolve, longe dos domínios diurnos do conhecimento e da ação. Experimenta-se, então, uma situação mais democrática porque todos se tornam iguais, forçados a abandonar privilégios e desenvolver a solidariedade.

Embora apresentada como o oposto do dia, a noite, como mencionado acima, não é seu oposto, não é seu inverso contrastante. Não se opõe ao dia, mas o alterna. É o outro lado do dia: um jogo de sombras e luzes, um espaço profundo, dotado de seu próprio caráter, suas próprias cores particulares, cores noturnas. Ela revela um cromatismo sem precedentes e se desdobra como uma manifestação que invade, escapa e acentua ecos, ressonâncias, sensações e sentimentos.

Sua grandiosidade faz o céu explodir, segundo a magnífica expressão de Paul Claudel (1967, p. 370):

Où le soleil se cache, éclat le ciel.  
(Onde o sol se esconde, o céu explode).

O céu que, ao pôr do sol, de repente explode com o brilho da lua e das estrelas, nos induz a sonhar e a contemplar.

A noite, como dito acima, não cega, não subtrai a visão, mas acrescenta a visão interior, tornando-nos instintivamente metafísicos (Saint Girons, 2008, p. 30). Em outras palavras, participa do visível, mas não estabelece limites. Ela nos faz transcender o mundo físico, a realidade experimental, e atingir o absoluto, o universal.

Sua vastidão transbordante possui um poder espiritual que nos coloca em união com uma realidade diferente e superior. A partir da visão física do mundo sensível, do domínio das coisas, desenvolve-se uma visão mais penetrante, mais secreta, mental e inteligível.

Essa habilidade leva de volta à noção de quiasma de Maurice Merleau-Ponty. O quiasma é a relação entre duas dimensões atribuídas a cada realidade do mundo: uma material e uma espiritual, invisível, representando sua aura. As duas dimensões são complementares e inextricavelmente interpenetradas.

Sua união, segundo o filósofo francês, é a unidade mística do *mana*, poder espiritual ou força vital que permeia a noite. Ele diz isso em uma curta passagem da *Phénoménologie de la perception*, dedicada ao espaço noturno, que não poderia ser melhor descrito (1945, p. 328):

Quand [...] le monde des objets clairs et articulés se trouve aboli, notre être perceptif amputé de son monde dessine une spatialité sans choses. C'est ce qui arrive dans la nuit. Elle n'est pas un objet devant moi, elle m'enveloppe, elle pénètre par tous mes sens, elle soffoque mes souvenirs, elle efface presque mon identité personnelle. Je ne suis plus retranché dans mon post perceptif pour voir de là défiler à distance les profils des objets. La nuit est sans profils, elle me touche elle-même et son unité est l'unité mystique du mana. Même des cris ou une lumière lointaine ne la peuplent que vaguement, c'est tout entière qu'elle s'anime, elle est une profondeur pure sans plans, sans surfaces, sans distance d'elle à moi. Tout espace pour la réflexion est porté par une pensée qui en relie les parties, mais cette pensée ne se fait de nulle part. Au contraire, c'est du milieu de l'espace nocturne que je m'unis à lui. L'angoisse des névropathes dans la nuit vient de ce qu'elle nous fait sentir notre contingence, le mouvement gratuit et infatigable par lequel nous cherchons à nous ancrer et à nous transcender dans des choses, sans aucune garantie de les trouver toujours.

Mais la nuit n'est pas encore notre expérience la plus frappante de l'irréel: je peux y conserver le montage de la journée, comme quand je m'avance à tâtons dans mon appartement, et en tout cas elle se place dans le cadre général de la nature, il y a quelque chose de rassurant et de terrestre jusque dans l'espace noir.

(Quando [...] o mundo de objetos, claros e articulados, é abolido, nosso ser perceptivo, amputado de seu mundo, delinea um espaço sem coisas. É o que acontece à noite. Ela não é um objeto diante de mim, me envolve, penetra em todos os meus sentidos, sufoca minhas memórias, quase apaga minha identidade pessoal. Não estou mais preso em minha posição perceptiva para ver, a partir daí, os perfis dos objetos se afastar. A noite é sem perfis, ela mesma me toca e sua unidade é a unidade mística do mana. Mesmo gritos ou uma luz distante a povoam apenas vagamente: é toda inteira que ganha vida, é pura profundidade sem planos, sem superfícies, sem distância dela para mim. Cada espaço de reflexão é baseado em um pensamento que conecta suas partes, mas esse pensamento não se forma em nenhum lugar. Em vez disso, eu me junto ao espaço noturno a partir do centro deste espaço. A ansiedade dos neuropatas na noite decorre do fato de que nos faz sentir nossa contingência, o movimento livre e incansável com o qual tentamos nos ancorar e transcender nas coisas, sem qualquer garantia de sempre encontrá-las. Mas a noite ainda não é nossa experiência mais surpreendente do irreal: nela posso manter a configuração realizada durante o dia, como quando eu tateio no meu apartamento. Em qualquer caso, a noite está situada no contexto geral da natureza, há algo reconfortante e terrestre mesmo no espaço escuro).

Da noite, pode-se evocar o esplendor sombrio, as horas cheias de atmosfera, a fulgência do céu transbordante de estrelas, o brilho da lua e o silêncio, que não é a quietude dos homens e das coisas, mas vem das profundezas, das fibras do mundo.

Da mesma forma, é possível referir-se à sua capacidade de despertar a consciência, de gerar os pensamentos mais secretos, de trazer emoções intensas à vida. O universo fascinante das cenas crepusculares e noturnas permeia nossa imaginação.

Até agora foi feita referência a algumas características óbvias da noite. Todos estes são aspectos gerais porque, na realidade, a noite nem sempre e em todos os lugares se apresenta da mesma maneira. É um espaço-tempo com uma dimensão múltipla e complexa, contraditória, como mencionado, que depende igualmente da quantidade, mais ou menos intensa, de escuridão.

Suas características e sua profundidade são cadenciadas em relação à latitude, duração, ambiente, lugares, objetos geográficos e sua ordem de magnitude, intensidade e importância. Mas também são relevantes o tempo, o momento, o povoamento ou não dos territórios, a idade, a natureza e a cultura daqueles que a experimentam e a percebem.

Ela, portanto, não tem uma única faceta, mas possui uma diversidade de sentidos. Há a noite autêntica, única, a "noite negra", dada pela escuridão mais profunda; há a noite iluminada pelo brilho da lua e das estrelas; há a noite iluminada pelo relâmpago; há a noite transformada por luzes artificiais; há a noite da poluição luminosa e a manta de luz desregrada espalhada pelo céu; há a noite dos sonhos, dos sentimentos, do silêncio e do recolhimento; há a noite do trânsito e mil ruídos que competem com o dia repetindo seu frenesi; há a noite do crime e do medo; há a noite do excesso, do qual Las Vegas poderia ser um exemplo; finalmente, há a noite da valorização estética e da identidade, que ilumina a beleza dos traços naturais (lagos, baías, rios, encostas) e monumentais (castelos, igrejas, fontes, obras de arte) e cria cenários, telas, imagens em movimento nas fachadas dos edifícios. E poderíamos continuar.

### As contribuições dos geógrafos

Como ressaltado anteriormente, houve um escasso interesse dos geógrafos do passado, pela noite. Este é um aspecto específico da geografia humana, para o qual, no entanto, durante os últimos decênios, estudiosos francófonos — franceses e canadenses — e falantes de inglês, mas igualmente de outras línguas e partes do mundo, atualmente apresentam contribuições significativas. O resultado é também o conhecimento e a reavaliação de estudos pioneiros, quase desconhecidos.

Tratando da contribuição dos geógrafos, Luc Gwiazdzinski (2005, p. 69), da l'Ecole nationale supérieure d'architecture de Toulouse (ENSAT), cita o urbanista de Lyon, Jean-Michel Deleuil, como aquele que, sem dúvida, primeiro tentou entender a noite urbana. Em uma pesquisa de 1993, sobre a cidade de Lyon, que o próprio Gwiazdzinski admite ser mais sociológica do que geográfica, Deleuil conclui que a especificidade da noite urbana reside sobretudo no modo de produção, práticas e representações. Os resultados de sua pesquisa não diferem daqueles alcançados pela filósofa Anne Cauquelin, em um trabalho teórico de 1977.

O geógrafo de Lorena menciona o canadense Luc Bureau, professor de geografia cultural, que, em 1997, tratou, com uma abordagem mais poética, os diferentes aspectos da noite urbana, "uma noite criada para o homem e criadora do homem".

Na verdade, os pesquisadores acima mencionados não foram os primeiros a apontar representações da noite.

Pierre Deffontaines, em 1957, foi um precursor. Já em meados do século passado, breves referências a uma geografia da noite aparecem em sua obra *L'homme et l'hiver au Canada* (Huerta, 2018, p. 26). No inverno hostil do Canadá, a noite é representativa da luta do homem para conquistar a totalidade do meio ambiente: uma última fronteira, a ser alcançada através da iluminação artificial. A importância da iluminação para a vitória sobre a escuridão noturna e, portanto, para assumir o controle sobre a Terra, é reiterada em um artigo de 1966: "Introdução à une Géographie du sommeil et de la nuit". O artigo pode ser colocado no âmbito do conhecimento científico da geografia clássica e está inscrito numa forma de cosmologia geral (*ibid.*, p. 24):

où les batailles nocturnes étaient parmi les dernières que l'espèce humaine devait mener.  
(onde as batalhas noturnas estavam entre as últimas que a espécie humana devia conduzir).

Interessantes premissas para os estudos geográficos sobre a noite podem ser consideradas as pesquisas que, aproximadamente desde meados da década de 1960 do século passado, abrangeram a geografia do tempo, ligada ao espaço, mais tarde indicada como cronogeografia. O campo do conhecimento foi direcionado para a compreensão dos processos espaciais no tempo, a fim de esclarecer os gêneros da vida.

Um dos pioneiros foi o sueco Torsten Hägerstrand, numa visão neo-positivista da ideologia, na qual desenvolveu o conceito de restrição espaço-temporal associado aos padrões espaciais e temporais de movimento. Mais tarde, apareceram pesquisas em vários países: se lembram as de Lynch (1972), Parkes and Thrift (1980), Bailly (1989), Levine (1997) e Vallega (2006).

Após os trabalhos pioneiros, entre o final do século XX e o início dos anos 2000, a noite se tornou um tema emergente na geografia. Foram estabelecidas investigações que dialogavam com outras disciplinas — filosofia, sociologia, história, arquitetura, economia, planejamento urbano — bem como com profissionais que operavam em áreas relacionadas à iluminação e planejamento urbano, políticas públicas, cultura, educação, comunicação, arte, humanidades, tecnologia e marketing.

Como mencionado acima, se destaca em particular a produção acadêmica das escolas de língua francesa, na Europa e no Canadá, e escolas de língua inglesa, no Reino Unido e nos Estados Unidos.

Em um artigo de 2018 (p. 13)<sup>2</sup>, Luc Gwiazdzinski, Marco Maggioli e Will Straw, geógrafos destacados no campo dos estudos sobre a noite, oferecem uma ampla visão geral daqueles que abordaram o tema da noite no mundo, tratando-o de vários pontos de vista.

Eles nos apresentam nomes e obras não só de estudiosos da geografia, mas também de colegas ilustres de outras disciplinas. Referimo-nos à vasta revisão que propuseram, tendo em mente que hoje a literatura geográfica sobre a noite se expandiu e que, desde 2018, outros acadêmicos e centros de pesquisa foram adicionados, como, por exemplo, na Itália e na América Latina e, sobretudo, no México.

Além disso, nos últimos anos, palestras, seminários, pesquisas, teses e exposições estão se multiplicando em todo o mundo, explorando especialmente a noite urbana, muitas vezes de forma interdisciplinar, sob vários pontos de vista: colonização, insegurança, gestão, políticas públicas, planos de desenvolvimento, planos de

---

<sup>2</sup> Cf., Luc Gwiazdzinski, Marco Maggioli, Will Straw, “Géographies de la nuit / Geographies of the night / Geografie della notte”, *Bollettino della Società Geografica Italiana*, s. 14, vol. 1, n. 2 (2018), pp. 9-22.

iluminação, qualidade de vida, coabitação, paisagem, mobilidade, representações, cartografia, inovação e marketing (Gwiazdzinski, Maggioli, Straw, 2020).

### **Sensações e emoções**

Os estudos geográficos sobre a noite adquiriram maior destaque e interesse com o desenvolvimento de uma das tendências mais inovadoras da geografia, a emocional.

É uma área disciplinar que integra a nossa experiência do mundo, melhorando todos os sentidos, modulando-os de acordo com a sua polifonia extraordinária. Essa especialização nos convida a entender melhor a realidade, a participar com sentimentos e emoções no interior das coisas, no ruído de fundo que está escondido. Interroga os espaços geográficos em busca de sua álgebra invisível, sua alma, sua figura, como experiência interior, relação espiritual com o homem. Essa orientação examina a infinita multidão de imagens e mensagens que vêm delas e as impressões que são projetadas em nós e se estratificam nos próprios espaços.

Portanto, a geografia emocional pode ser considerada como categoria interpretativa, como psicogeografia que apresenta uma aliança entre a disciplina e a psique, animada pelas formas e cores das emoções. Tais ressonâncias espirituais são formas fundamentais de existência e de certa forma de aprendizagem do mundo.

No caso da noite, em que o real e o imaginário se cruzam, as emoções convidam a ir além do sensível para entender o invisível. Entramos no inconsciente para tentar dar sentido ao espaço interior, povoado pelas impressões suscitadas pelo oculto e misterioso da camada das trevas.

Quais são as emoções mais sedutoras amplificadas pela noite? Em primeiro lugar, estas vêm das inúmeras formas com que a noite se apresenta e do vigor de suas características. Desses aspectos surgem múltiplas formas de vivê-la individualmente.

O espaço escuro pode ser experimentado como intimidade, sonho e romance. Pode evocar paixões, nostalgia, ambientes doces e ternos e ser vivido como plenitude, tranquilidade e lirismo. Ou, pelo contrário, pode induzir a ideia de vazio, negação, ausência e causar inquietação, ansiedade, medo e desespero.

A noite é ilimitada, imensa e inesgotável. Quando não leva à desorientação, a ideia de expansão ilimitada em todas as direções, sem fim ou conclusão, parece despertar muito do encanto do fenômeno. A sensação de infinita vastidão sugere a conexão com o todo.

A comunhão com o infinito, provocada pelo espaço-tempo noturno, nos torna participantes da existência cósmica, ou seja, do sopro da vida universal. Imersos na escuridão, podemos perceber profundamente um sentimento de pânico se fundindo com o mundo que nos leva ao sobrenatural.

O valor positivo de uma imensidão incompreensível, absoluta e única, liga a realidade física e sensorial do mundo noturno a uma dimensão transcendental,

metafísica. A pessoa é levada à meditação, na qual tudo é interiorizado, torna-se parte do espírito.

Escuridão e silêncio falam e despertam o poder arquetípico da imaginação. As imagens saem do espaço escuro e tácito e emergem com a capacidade de representar a alma. A imaginação vai além da conotação física da realidade para se tornar um espaço íntimo, domínio da alma.

O silêncio — que em "Nocturnes" de Chopin é o próprio sopro da música — lembra paz e tranquilidade, mas também melancolia e romantismo. Pode estimular a imaginação e a criatividade, bem como pensamentos e sentimentos extremos.

Nas horas escuras o universo deixa-se agarrar e aproximar. Em áreas selvagens ou desérticas, sem poluição luminosa, a cúpula do céu parece se desdobrar tão perto da terra que dá a impressão de que você pode tocar e arrancar as estrelas.

Outras vezes, o mundo cercado de trevas inspira o indescritível que, evasivo e incompreensível, desanima e faz estremecer. A impenetrabilidade das trevas sugere uma sensação de medo que, às vezes, incute pensamentos perturbadores. A inescrutabilidade sugere um senso de destino que instila pensamentos perturbadores e causa sentimentos de perplexidade e medo, aumentando a sensação de vulnerabilidade.

O misterioso poder da noite aumenta o efeito da perda do real e a percepção de profundidade, solidão e insegurança. O domínio do escuro isola aqueles que estão imersos nele, bem como borra a figura e as formas do mundo, fazendo-as aparecer como sonhos, fantasmas, alucinações.

No entanto, pode-se também experimentar um estado emocional contraditório à angústia e ao medo. É a impressão de estar envolto por um manto protetor, uma capa defensiva que preserva das dificuldades e perigos.

## **A paisagem noturna**

Se é verdade que a noite não rouba totalmente a visão, não há dúvida de que, para além da paisagem diurna, existe uma paisagem noturna. Mas a intensidade das trevas a afeta. À medida que a possibilidade de observação diminui devido à atenuação da visualidade, outros sentidos são aguçados e favorecidos na relação com o espaço.

Como paisagem noturna não se deve entender a de lugares iluminados pela luz artificial, semelhante à paisagem, devido a sua clareza. Em vez disso, pensamos em um cenário expresso pela dupla experiência da ofuscação do mundo material e o surgimento do mundo imaterial, que cria suas próprias imagens e sugestões.

A investigação da paisagem da noite exclui abordagens quantitativas que tentam objetificá-la ou descrevê-la em todos os seus componentes, independentemente do caráter de totalidade que a distingue. Orientações qualitativas para as quais é uma percepção multissensorial, uma entidade estética e psicológica, uma expressão de valores socioculturais, são mantidas em mente.

Sua especificidade é consciência, peculiaridade, filosofia do lugar e do momento. Ela reflete a ética e a estética, exigências mais elevadas da humanidade, pois manifesta as pegadas, valores e experiências da cultura do pertencimento.

As características da noite tornam a paisagem algo abstrato e pessoal, que depende das habilidades representativas daqueles que estão imersos na escuridão. Pode-se dizer que ela é a síntese superior que ocorre depois de ter percebido o cenário escuro, com os sentidos e sentimentos. Uma percepção que é modificada pelas condições particulares de aparência da realidade.

As regras usuais da análise da paisagem mudam. Para isso, aplica-se a análise estética e, paradoxalmente, cromatismo, bem como participação espiritual, amálgama psicológica e evidência de elementos culturais.

Pensar na paisagem da noite significa mudar os critérios de avaliação adotados pelos geógrafos para cenários diurnos. Para analisá-los, estudiosos insistem em aspectos visuais, começando com Alexander von Humboldt, pai da geografia moderna. No *Ansichten der Natur* (1808; 1998), o estudioso apresenta uma sucessão de paisagens, consideradas as porções do espaço terrestre que, concretamente e de tempos em tempos, caem diante de nossos olhos e nas quais o Todo é refletido (Andreotti, 1994, pp. 78-79).

Entra em jogo a clareza das formas aludidas por um antigo líder escolar, Olinto Marinelli (1917, p. 136). Para o estudioso, a paisagem "depende do nosso corpo docente representativo, bem como da externalidade das coisas".

Uma descrição da paisagem como modelo ideal de referência pode ser comparada a de Herbert Lehmann (Andreotti, 2021, pp. 28-40). O geógrafo alemão considera a paisagem "aparência visual integrada". Aparência visual, que também é ideia como retorno à essência das coisas, integrada pela cultura do observador. A externalidade dos objetos pode ser vista através da investigação visual, associada à nossa faculdade representativa. Nenhum outro sentido está envolvido. Só recentemente a investigação geográfica é mais genericamente sensorial, tátil, auditiva, olfativa, gustativa.

Agora, quando à noite, com o desvanecimento da visão, faz com que a aparência das coisas e os sistemas de referência sejam perdidos, as formas visuais da paisagem e, portanto, sua própria ideia, são colocadas em jogo, enquanto a possibilidade de integrar com a cultura e sensibilidade o que você experimenta, permanece. O processo mental de representação muda; portanto, teorias e definições que abordam a paisagem diurna são inadequadas.

No esplendor do dia, a aparência exterior das coisas é claramente apresentada à nossa faculdade representativa. A luz desenha os limites dos objetos, isola-os, define-os, dando-lhes contornos precisos. Quando a escuridão toma conta, as habilidades visuais, dificultadas pelo poder de discernir o real devem recalibrar-se.

Estamos testemunhando o surgimento de uma nova realidade, com sua própria geografia, o estímulo e a atmosfera de uma experiência multissensorial de lugares. Habilidades táteis, sons, cheiros, sabor, adquirem maior importância.

Os lugares cercados pela escuridão tornam-se espaços de pura profundidade, de pura interioridade, nos quais, uma vez que os perfis das coisas desapareceram, a estrutura do mundo desaparece. A atividade do espírito é refinada, as formas de conhecimento são aguçadas em um sentido emocional e romântico, do qual já se falou. As arquiteturas do pensamento prescindem da realidade territorial usual e refletem a experiência perceptiva, a tensão emocional, criando outra realidade: metafísica, intangível, interior, fantástica, estática. Uma vez que a configuração do mundo físico desapareceu, a escuridão dá lugar à imaginação, às formas e figuras de dentro, aos mitos, lendas e fantasias, que trazem consigo o aparecimento da cultura.

De acordo com Diderot (1876, p. 147):

La clarté est bonne pour convaincre; elle ne vaut rien pour émouvoir. La clarté, de quelque manière qu'on l'entend, nuit à l'enthousiasme.

(A clareza é boa para convencer, mas não é boa para se mover. A clareza, por mais que se entenda, prejudica o entusiasmo).

Não há dúvida de que não vale a pena tocar a clareza, tanto quanto a escuridão. A escuridão perturba, envolve, move, promove meditações e visões, desperta intensidade de sentimentos e induz a participação emocional e afetiva.

Na intersecção do real com o imaginário, a paisagem noturna, dominada pelo invisível, é uma forma diferente de perceber; se dá para além dos domínios do conhecimento, é uma forma que escapa à compreensão racional.

Quanto mais a escuridão é iluminada pelo céu estrelado e pelos fenômenos celestes — a via láctea, a chuva de estrelas cadentes, as luzes do norte, eclipses — o escurecimento se abre para o nascer do sol.

Neste caso, é o céu que desenha a dimensão da paisagem, enquanto a terra, iluminada pelo efeito dos brilhos, assume nuances, luz, formas e cores mágicas. É uma paisagem que corresponde ao desejo humano pela estética e oferece satisfação intelectual e espiritual. Seu caráter intrínseco depende da sensibilidade subjetiva, de acordo com os tons emocionais, experiências, sistemas de valores e cultura, dos quais se é portador.

No entanto, quando a escuridão é total, a noite não permite conhecer qualquer forma ou qualquer cor. Tudo aparece dentro de uma concha escura, onde você pode ouvir ecos, sons e ruídos, perceber a atmosfera do lugar e, especialmente, viver as condições psicológicas trazidas de volta pelo modo de ser daquele ambiente específico e daquele momento. A experiência estética multissensorial da paisagem noturna reconfigura a percepção do

mundo, tanto na claridade tênue das erupções estelares como na escuridão total. De acordo com Merleau Ponty (1945, p. 328):

La nuit n'est pas un objet devant moi, elle m'enveloppe, elle pénètre par tous mes sens, elle suffoque mes souvenirs, elle efface presque mon identité personnelle.

(A noite não é um objeto à minha frente, ela me rodeia, penetra em todos os meus sentidos, sufoca minhas memórias, quase apaga minha identidade pessoal).

A ideia de uma sensibilidade noturna, de uma interioridade infinita, é também de Novalis (Schulz, 1969). Aparece no primeiro dos seis *Himnos á Noite*, *Hymnen an die Nacht (Erste)*:

die unendlichen Augen,  
die die Nacht  
in uns geöffnet.  
(os infinitos olhos internos  
que em nós a noite eclodiu).

Os "olhos internos infinitos" são o contexto íntimo da imaginação e sensibilidade do indivíduo, habilidades às quais a paisagem é referida como a filosofia do espaço ou como representação e interpretação do mesmo. Esta filosofia vai além do relativismo individual para se conectar com a pertença sociocultural.

### **As cores da noite**

Parece uma contradição falar das cores da noite, mas ela também tem suas próprias cores. Quando perguntamos qual é sua cor, pensamos especialmente no preto. Mas não é assim porque a noite nunca é completamente preta. Nunca é completamente negra, mesmo quando o céu está nublado e isto se deve à difusão da luz do sol na atmosfera. Então, se o céu é claro, a Terra é iluminada pela luz da lua e das estrelas.

Na ausência de fontes de poluição luminosa, o céu é tingido por vários fenômenos que aparecem em cores diferentes. Às vezes, como resultado de reações químicas nas camadas superiores da atmosfera, ocorre o chamado "brilho certo" — *propter glow* — uma faixa vermelha-verde na borda do horizonte.

Cores e formas variáveis caracterizam as auroras polar, boreal e austral. Arcos aurorais, originários de partículas de energia derivadas do sol, assumem tonalidades amarelo-esverdeadas, vermelhas ou, mais raramente, vermelho-sangue ou levemente azul.

Alguns efeitos da cor espectral afetam o brilho zodiacal, uma faixa de luz vertical, em forma de cone ou pirâmide. É um brilho que depende da dispersão da luz solar sobre partículas interplanetárias de poeira.

Não há dúvida de que a densidade do ambiente noturno aumenta o poder das cores. A experiência comum mostra que as cores adquirem maior intensidade quando se destacam contra o fundo mais escuro da noite, oferecendo sensações coloridas. Ainda nos lembramos das palavras de Novalis, no quarto de seus seis *Himnos á Noite*:

Trägt nicht alleswas uns begeistert  
die Farbe der Nacht?  
(Não trazem as cores da noite  
tudo o que nos exalta?).

As cores nos exaltam ainda mais quando, às vezes junto com alguma luz, elas se refletem na água: rios, lagos, mar. Elas, então, tornam as paisagens particularmente românticas e evocativas.

Na imaginação e nos códigos iconográficos, a noite quase sempre assume tons escuros: preto, mas acima de tudo, azul, chamado de cor da noite. A expressão "azul noturno", que aparece em várias línguas, indica a relação entre os dois termos.

O azul é uma cor profunda, passiva, que expressa reflexão, calma, descanso, pausa, espiritualidade e elegância. Especialmente no crepúsculo — o momento fugaz depois que o sol se põe abaixo do horizonte — tudo está imerso em um azul intenso e rico.

Embora o azul não seja o único, ele é usado na arte pictórica que, a este respeito, sugere muito. Lembramos os vórtices de azul ultramarino que animam as cenas da paisagem noturna propostas, por exemplo, pela extraordinária sensibilidade artística de Vincent Van Gogh. E também pensamos na paisagem marítima noturna, usando todos os tons de azul, descrita pelo pintor holandês em uma carta ao seu irmão Theo, enviada no domingo 3 ou segunda-feira 4, de junho de 1888, de Les-Saintes-Maries-de-la-Mer, uma vila de pescadores no Camargue<sup>3</sup>.

*Uma noite, dei um passeio ao longo do mar, na praia deserta. Não estava risonho, mas nem triste... era lindo. O céu, de um azul intenso, estava pontilhado de nuvens de um azul mais profundo do que o azul básico, um cobalto profundo, e outras nuvens de um azul mais claro do que a brancura leitosa da via láctea. Contra o fundo azul, estrelas brilhantes, esverdeadas, amarelas, brancas, rosa claro, brilhavam, mais brilhantes do que as pedras preciosas que também vemos em Paris. Então, parece certo falar sobre opalas, esmeraldas, lápis-lazúli, rubis, safiras. O mar era de um azul ultramarino muito profundo, a praia de um tom violeta e eu também pensava que era um avermelhado pálido, com arbustos sobre a duna (a duna tem 5 metros de altura), arbustos da cor do azul da Prússia.*

---

<sup>3</sup> O manuscrito original pode ser encontrado no Museu Van Gogh, em Amsterdã (inv. no. b540V/1962).

Azul do céu, da terra e do mar. O azul é também a cor da dimensão noturna, da arte de Marc Chagall, onírica e de conto de fadas. Mas você pode também pensar em Pablo Picasso e em muitos outros artistas.

No invólucro da noite o sonho se desenvolve. No ar denso da noite, na profundidade pura em que tudo se confunde, nesta paisagem do essencial em que nos afastamos das coisas, somos levados a nos concentrar em tudo o que, como as cores, atrai a atenção.

Às vezes, uma leve iluminação é suficiente para perceber os objetos e seus tons individuais que o fundo escuro destaca.

Claude Lèvi-Strauss (1955, pp.73-74) oferece uma descrição surpreendente da chegada da noite e das cores do céu que anuncia sua chegada. As impressões são captadas pelo navio a vapor que, navegando no Atlântico, está levando o estúdio de Marselha para Santos, no estado de São Paulo, Brasil.

*Rien n'est plus mystérieux que l'ensemble des procédés toujours identiques, mais imprévisibles, par lesquels la nuit succède au jour. Sa marque apparaît subitement dans le ciel, accompagnée d'incertitude et d'angoisse. Nul ne saurait pressentir la forme qu'adoptera, cette fois unique entre toutes les autres, la surrection nocturne. Par une alchimie impénétrable, chaque couleur parvient à se métamorphoser en sa complémentaire alors qu'on sait bien que, sur la palette, il faudrait absolument ouvrir un autre tube afin d'obtenir le même résultat. Mais, pour la nuit, les mélanges n'ont pas de limite car elle inaugure un spectacle faux: le ciel passe du rose au vert, mais c'est parce que je n'ai pas pris garde que certains nuages sont devenus rouge vif, et font ainsi, par contraste, paraître vert un ciel qui était bien rose, mais d'une nuance si pâle qu'elle ne peut plus lutter avec la valeur suraiguë de la nouvelle teinte que pourtant je n'avais pas remarquée, le passage du doré au rouge s'accompagnant d'une surprise moindre que celui du rose au vert. La nuit s'introduit donc comme par supercherie.*

*Ainsi au spectacle des ors et des purpres, la nuit commençait-elle à substituer son négatif où les tons chauds étaient remplacés par des blancs et des gris. [...].*

*Alors, par un passage très habituel, mais comme toujours imperceptible et instantané, le soir fit place à la nuit. Tout se trouva changé. Dans le ciel opaque à l'horizon, puis au-dessus d'un jaune livide et passant au bleu vers le zénith, s'eparillaient les derniers nuages mis en œuvre par la fin du jour. Très vite, ce ne furent plus que des ombres efflanquées et maladives, comme les portants d'un décor dont, après le spectacle et sur une scène privée de lumière, on perçoit soudain la pauvreté, la fragilité et le caractère provisoire, et que la réalité dont ils sont parvenus à*

*créer l'illusion ne tenait pas à leur nature, mais à quelque duperie d'éclairage ou de perspective. Autant, tout à l'heure, ils vivaient et se transformaient à chaque seconde, autant ils semblent à présent figés dans une forme immuable et douloureuse, au milieu du ciel dont l'obscurité croissante les confondra bientôt avec lui.*

(Nada é mais misterioso do que o conjunto de processos sempre idênticos, mas imprevisíveis, para os quais a noite toma o lugar do dia. Seu sinal aparece de repente no céu acompanhado de incerteza e angústia. Ninguém poderia prever a forma que adotará, desta vez, única entre todas as outras, a aurora da noite. Através de uma alquimia impenetrável, cada cor é transformada em seu complemento, enquanto se sabe que, na paleta, seria preciso usar outras cores para obter o mesmo resultado. Mas, para a noite, as misturas não têm limites porque o seu é um espetáculo ilusório: o céu vai de rosa a verde; no entanto, não levei em conta que certas nuvens se tornaram vermelho brilhante e assim, por contraste, faz parecer verde um céu que era rosa, mas de uma tonalidade tão pálida que não pode sustentar o valor super agudo da nova cor que, além do mais, eu nem tinha notado, sendo a transição do ouro para o vermelho menos perceptível que a do rosa para o verde. A noite é, portanto, introduzida como que por bricadeira).

Assim, no espetáculo do ouro e das púrpuras, a noite começa a substituir seu negativo onde os tons quentes foram substituídos por brancos e cinzas. [...].

Então, com uma passagem bastante habitual, mas, como sempre, imperceptível e instantânea, a noitinha deu lugar à noite. Tudo foi diferente. No céu opaco no horizonte e depois, mais acima, de um amarelo lívido que, em direção ao zênite estava a mudar em azul, as últimas nuvens dispersaram, encenadas até o final do dia. Muito rapidamente, elas não eram mais do que sombras atenuadas e descoloridas, como os últimos elementos de um cenário que, após o espetáculo e com as luzes apagadas, aparece em toda a sua pobreza, fragilidade e caráter provisório; e percebeu-se imediatamente que a realidade da qual eles criaram a ilusão não pertencia à sua natureza, mas a algum truque de iluminação ou perspectiva. Tanto que aquelas nuvens que antes estavam vivas e transformando-se a cada momento pareciam agora fixas em uma forma imutável e dolorosa, no meio do céu que em breve as teria absorvido em sua crescente escuridão).

## Conclusão

Por causa da sua identidade múltipla, a noite pode ser percebida e sentida de várias maneiras. Pensar nela como uma evidência interior, e não como um fenômeno

cósmico, leva a vivê-la, não a comentá-la. Isso muda nosso sentimento das coisas no mundo, dos dados reais, e nós ouvimos as palavras da alma, palavras perfumadas de céu.

O mundo da realidade está entrelaçado com o do imaginário, no qual ecoam vozes, sugestões, ressonâncias e referências. Pode-se dizer que a noite é um verdadeiro transcendente psicológico.

O espaço da noite alimenta imagens de poesia ou angústia. Para esta última, pensa-se em preocupações e medos suscitados pela escuridão. Para a poesia, refere-se à categoria filosófica da *rêverie*, importante para Gaston Bachelard. A *rêverie* é uma ressonância íntima, fantástica, favorecida por espetáculos encantadores, como os da noite.

A este respeito, o fenomenólogo de *La poétique de l'espace* (1957; 1975, p. 228) aborda estudiosos que, segundo ele, teriam muito a aprender com os poetas. Naturalmente, se os geógrafos tivessem lido os poetas, o estudo da noite teria sido mais proeminente no passado da disciplina, assim como o grande número de escritores e artistas que a abordaram.

Como já foi dito, Luc Bureau, a fim de justificar a falta de interesse da geografia pelo assunto, destaca como a principal característica do fenômeno — a escuridão — impediu uma disciplina, que é baseada principalmente na visão, de realizar estudos nessa direção.

Parece, no entanto, se poder atribuir essa negligência também ao estado da geografia e às diretrizes disciplinares estabelecidas durante o século XX.

Naquela época dominava a geografia física ou natural, incluindo noções de cosmografia, que, porém, nas últimas décadas do século perdeu cada vez mais importância em relação à geografia humana. Esta última estabeleceu-se em duas visões completamente diferentes, as quais refletiam diferentes preferências temáticas: uma perspectiva racionalista e uma humanista, ambas dispostas em uma sequência de endereços.

A configuração racionalista, absolutamente prevalecente, tem produzido sugestões durante muito tempo. As influências de natureza positivista e racionalista convergiram primeiro no determinismo e no possibilismo, depois no funcionalismo ou no estruturalismo, na teoria do sistema central e na do sistema complexo, tendo este último se evidenciado a partir dos anos oitenta.

A perspectiva humanista, estabelecida nas últimas décadas do século XX e no segundo milênio com as orientações do pós-modernismo e a cultural — semiótico, espiritualista, eclético — diz respeito à geografia da percepção, cultural e emocional.

Desde que a geografia cultural, emocional e espiritual surgiu com vigor, o tema tornou-se mais atraente. Isso aconteceu a partir do momento em que, a partir da geografia da percepção, passamos a valorizar a subjetividade da experiência e do

conhecimento, considerados tão importantes quanto as investigações positivistas e racionalistas.

A eliminação das barreiras disciplinares contribuiu decisivamente para a sedução do sujeito.

A geografia, juntamente com muitas outras áreas de conhecimento, dedicou-se então ao estudo da noite sob a perspectiva da existência, como um espaço de experiência sensível, estética e psicológica. Como tentamos demonstrar, este é um espaço fortemente relacionado às representações individuais, ou seja, às interpretações que surgem a partir da imaginação e da sensibilidade pessoal.

Nos estudos geográficos do século XX o tema não era atrativo. A ótica racionalista o desvalorizou, considerando a noite apenas como um fenômeno externo, objetivo, ligado a aspectos relacionados a perspectivas e intervenções de planejamento, como, por exemplo, o *design* e a iluminação artificial das cidades, negligenciando sua interioridade e as ressonâncias espirituais que ela evoca.

Hoje, porém, o ponto de vista racionalista, cuja essência são os princípios cartesianos, que transformaram o mundo em números, harmonizando a geografia com as ciências técnicas, deu novo e diferente ímpeto aos estudos sobre a noite.

Atualmente, na visão racionalista a noite, iluminada pela luz artificial e afetada por uma complexidade de relações e de inter-relação com o espaço e as atividades urbanas, é analisada tanto como uma área de experiência material e objetiva, como evento cultural e de valorização social dos lugares. O foco está principalmente no contexto urbano de hoje, que está interessado na promoção da atratividade da cidade e na afirmação de um papel estético e cultural, cada vez mais relevante para o desenvolvimento da economia local. Assim, importa o uso, a motivação e as intenções dos usuários. Desta forma, o uso da luz artificial, para estender a luz do dia, criou um mundo paralelo ao mundo real do dia. Espaço vivido e espaço projetado se encontram.

Acredita-se que a luz artificial leve à perda da noite. Não é apenas a derrota das trevas, mas também a perda da poética da noite e dos valores de intimidade, introspecção e interioridade infinita, exaltados pela geografia humanista, cultural e emocional.

## Referências

ANDREOTTI, G. (2008; 1a ed.,1994). *Riscontri di geografia culturale*. Trento, Artimedia,

ANDREOTTI, G. (2012). O senso ético e estético da paisagem/The ethics and aesthetics of the landscape”, *Ra’ega*, v. 24, 5-17.

ANDREOTTI, G. (2013a). *Paisagens culturais*. Curitiba (Paraná, Brasil), Editora Universidade Federal do Paraná.

ANDREOTTI, G. (2013b). Geografia emocional e cultural, em comparação com a racionalista. Em Heidrich, Á. L., Pinós da Costa, B., Zeferino Pires, C. L. (org.). *Maneiras de ler Geografia e Cultura*. Porto Alegre (RS, Brasil), Compasso, 105-112.

- ANDREOTTI, G. (2014) Rivelare il *genius loci*. *Bollettino della Società. Geografica Italiana*, s. XIII, v. 7, n. 4, 533-558.
- ANDREOTTI, G. (2021). *Nobiltà del paesaggio*. Trento, Valentina Trentini.
- ANDREOTTI, G. (2022). Prefácio. Em Kozel, S., Torres, M., e Gil Filho, S. F. (org.). *Espaço e Representações, acordes de uma mesma canção*. Porto Alegre (RS, Brasil), Compasso, 5-19.
- BACHELARD, G. (1957; ed. ital., 1975). *La poétique de l'espace*. Paris, Presses Universitaires de France,
- BAILLY, A. S. (1989). La cronogeografia. In Bailly, A. S., et al. *I concetti della geografia umana*. Bologna, Pàtron, 191-196.
- BUREAU, L. (1996). Géographie de la nuit. *Liberté*, 38(4), 75-92.
- BUREAU, L. (1997) *Géographie de la nuit*, Montréal, L'Hexagone, coll. « La ligne du risque » n. 1.
- BUREAU, L., MILHAUD, O. (2000). *Géographie de la nuit*, Cafés Géographiques de Paris, 11 janvier.
- BURRI, J. (1998). *L'Ombre des étoiles*. Charmey (Suisse), Éditions de l'Hèbe.
- CAUQUELIN, A. (1977). *La ville la nuit*. Vendôme, PUF.
- CHALLÉATS, S. (2011). La nuit, une nouvelle question pour la géographie. *Bulletin de l'Association des géographes français*. Association des Géographes Français, 88 (2), 183–196 [en archive ouverte, pdf].
- CHALLÉATS, S. (2013, 12 nov.). La nuit et ses ressources, objets de la géographie?. *Carnets du Collectif Rénor (Ressources environnementales nocturnes, tourisme, territoires [carnet de recherche])*.
- CLAUDEL, P. (1967). Cantique de la rose. In Id., *Œuvre Poétique*. Paris, Gallimard, Bibliothèque de la Pleiade.
- DEFFONTAINES, P. (1957). *L'homme et l'hiver au Canada*. Paris, Gallimard.
- DEFFONTAINES, P. (1966). Introduction à une géographie du sommeil et de la nuit. In Deffontaines, P., Delamarre, M.J.B., Journaux, A. *Géographie générale*. Paris, Gallimard, 1055-1062.
- DELEUIL, J.-M. (1994). *Lyon la nuit, lieux, pratiques et images*. Lyon, Presses Universitaires de Lyon.
- DIDEROT, D. (1876). Salon de 1767. *Oeuvres Complète de Diderot*. Paris, Garnier, II, 147.
- DIDIER-FÈVRE, C. (2018). La nuit: nouvelle frontière pour les jeunes des espaces périurbains?, *Géoconfluences*, avril.
- FESSEL, M. (2017). *La Nuit. Vivre sans témoin*. Paris, Autrement.

- GOGH, V., van (1959). *Tutte le Lettere*. Milano, Silvana.
- GOGH, V., van, (2005). *150 lettere*. Milano, Silvana.
- GOGH, V. van. (2012). *Vincent van Gogh. Een leven in brieven. 1853-1890*. Amsterdam, Meulenhoff Boekerij.
- GWIAZDZINSKI, L. (2005). *La nuit, dernière frontière de la ville*. La Tour-d'Aigues, Éditions de l'Aube. (Paris, Rhuthmos, 2016).
- GWIAZDZINSKI, L., MAGGIOLI, M., STRAW, W. (2018). Géographies de la nuit / Geographies of the night / Geografie della notte". *Bollettino della Società Geografica Italiana*, s. 14, vol.1, n. 2, 3-22.
- GWIAZDZINSKI, L., MAGGIOLI, M., STRAW, W. (2020). *Night Studies*. Grenoble, Elya Editions.
- GWIAZDZINSKI, L. (2020). Ce que la nuit raconte au jou". *Ateliers d'anthropologie*, n. 48.
- HILLMAN, J. (2003). *Il sogno e il mondo infero*, Milano, Adelphi.
- HUERTA, A. (2018). Quand la nuit vient à être plus riche que le jour. Pierre Deffontaines et la lutte contre le rythme nyctéméral. *Bollettino della Società Geografica Italiana*, s. 14, vol.1, n. 2, 23-32.
- HUMBOLDT, A., von. (1808; ed it. 1998). *Ansichten der Natur: mit wissenschaftlichen Erläuterungen*. Tübingen, Cotta, J. G.
- KOZEL TEIXEIRA, S. (2012). Geopoética das paisagens: olhar, sentir e ouvir a «natureza». *Caderno de Geografia (PUCMG. Impreso)*. v. 22, 65-78.
- KOZEL, S., TORRES, M., GIL PHILO, S. F. (org.) (2022). *Espaço e representações: acordos de uma mesma canção*, Porto Alegre, (RS, Brasil), Compasso.
- LEVINE, R. (1997). *A geography of time*. New York, BasicBooks.
- LÉVI-STRAUSS, C. (1955). *Tristes Tropiques*. Paris, Plon.
- LYNCH, K. (1972). *What time is this place*. Cambridge, MIT Press.
- MARINELLI, O. (1917). Ancora sul concetto di paesaggio. *Rivista Geografica Didattica*, 1, 136-138.
- MERLEAU-PONTY, M. (1945). *Phénoménologie de la perception*, Paris, Gallimard, (2a ed., 1985).
- MERLEAU-PONTY, M. (2003). *Il visibile e l'invisibile*. Milano, Bompiani.
- MONTAGU, A. (1989). *Il linguaggio della pelle*. Milano, Vallardi.
- NOVALIS. (1986). *Inni alla notte. Canti spirituali*. Milano, Garzanti, 25.
- NOVALIS (1997) *Himnos á noite*, A Coruña, Espiral Maior.

- PALLASMAA, J. (2007). *Gli occhi della pelle*. Milano, Jaka Book.
- PARKES, D. e THRIFT, N. (1980). *Times, spaces and places*. New York, Wiley.
- RILKE, R., M. (1994). *Poesie I 1895-1908*. Torino, Einaudi - Paris, Gallimard, vol. I.
- RILKE, R., M. (1999). *Poesie alla notte*. Bagno a Ripoli (Fi), Passigli.
- SAINT GIRONS, B. (2008). *I margini della notte*, Palermo, Edizioni di Paesaggio.
- SCHULZ, G. (1969). *Novalis Werke*. München, Beck.
- SERRES, M. (2016). *The five senses: a philosophy of mingled bodies*, London-New York, Bloomsbury Publishing.
- STRAW, W. (2016). Penser la nuit. In Gwiadzinski, L. *La nuit, dernière frontière de la ville*. Paris, Rhuthmos, 7-10.
- STRAW, W., GWIADZDZINSKI, L., MAGGIOLI, M. (2020). The emerging field of ‘Night Studies’: Steps towards a genealogy. In *Night Studies: Regards croisés sur les nouveaux visages de la nuit*. Grenoble, Editions Elya.
- VALLEGA, A. (2006). *La geografia del tempo*. Torino, Utet.

---

### Giuliana Andreotti

Doutora em História da Idade Média pela Universidade de Padua.

Foi professora titular e pesquisadora em Geografia Cultural e Arquitetura da Paisagem do Departamento de Letras e Filosofia da Università di Trento (Italia) e também professora visitante no Instituto de Estudos Socioambientais (IESA) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Membre d’honneur de la Société de Géographie de Paris.

Membre do Comité scientifique da revue *Géographie et Cultures* (Paris).

Via don Leone Serafini 17/2 - Martignano — 38121 Trento (Italia)

E.mail: giuliana.andreotti@icloud.com

---

Recebido para publicação em abril de 2023  
Aprovado para publicação em julho de 2023